

OUTUBRO



CARD POFOTO

Eudocimus ruber

Mês da multiplicação

As chuvas se instalam em boa parte do território nacional e a vegetação ganha um verde variado e vivo, deixando de lado, definitivamente, o tom cinzento da estação seca. Nas florestas, matas ciliares, cerrados, cerradões e campos do Centro-Sul brasileiro, flores e frutos se espalham, atraindo os animais, todos agitados com a temporada de reprodução. No chão, nos barrancos de beira de rio, nos ocos de árvores das matas mais fechadas, em tocas e cantinhos escondidos, os mamíferos abrigam suas crias e ninhadas. De galho em galho, os primatas recém-nascidos pegam carona no dorso das mães e irmãs, firmemente agarrados

nos pêlos. Os machos de várias espécies de aves literalmente se emplumam para impressionar as fêmeas. Nos mangues da Baixada Santista, o vermelho dos guarás (*Eudocimus ruber*) torna-se ainda mais chamativo e as pontas das asas e bicos escurecem, sinal do tempo de construir ninhais. Os ovos serão postos no final de outubro e os filhotes nascem em novembro, no começo com uma plumagem branca, depois com penas marrons. Somente têm penas vermelhas os guarás já adultos e desde que se alimentem de crustáceos, no seu ambiente natural, pois as aves mantidas em cativeiro, à base de ração, “desbotam”.

Berços para todos os gostos

Nas casas de sítios, nos riachos, lagoas ou simples poças d'água, outubro também é tempo de reprodução das pererecas, lagartixas e pequenos lagartos. Muitas vezes combatidos pelo seu aspecto, na verdade eles são aliados do homem, caçadores incansáveis de mosquitos, moscas e outras pragas voadoras. As pererecas são as rainhas da criatividade, na sua maneira de es-



GERMANO WOEHL JR.

conder e proteger os ovos. Algumas, do gênero *Phyllomedusa*, põem seus ovos nas folhas de árvores e arbustos inclinados sobre riachos e lagoas e selam o "ninho" com uma cola, que segura a folha enrolada até que os girinos tenham nascido e escorreguem para a água, logo abaixo do ninho. Outras preferem um berço de lama, como o sapo-ferreiro, que, apesar do nome, não é sapo, é uma perereca (*Hyla faber*). Os machos fazem cuidadosamente uma "cama" redonda, ajeitando o barro com a barriga e as patas e sentam dentro, martelando seu canto para atrair a fêmea, que deposita seus ovos nesse ninho. Depois a dama vai embora e o macho vigia os ovos até a eclosão (nascimento) dos girinos.

Pequenas e irresistíveis

Nos jardins, nas ruas e na zona rural, frutíferas importadas carregam de frutos, já incorporados ao cardápio dos bichos nativos. Aves, pequenos mamíferos e insetos se fartam com as amoras pretas (*Morus alba*), originárias da China, mas já disseminadas por todo o país pelos próprios animais. A nespereira (*Eriobotrya japonica*), trazida do Japão e da China, é outra espécie exótica visada pela fauna brasileira, assim como o tamarindo (*Tamarindus indica*), importado da Índia. As frutas nativas não ficam atrás e, neste período,

enchem-se de flores brancas e miúdas, atraindo verdadeiros enxames de abelhas sem ferrão, caso da uvaia (*Eugenia uvalha*), ou começam a amadurecer, caso da saborosa pitanga (*E. uniflora*). Muitas dessas frutas brasileiras, típicas da Mata Atlântica e das matas ciliares, são pequenas e têm sementes grandes, dificultando o uso comercial. Nem por isso deixam de estar presentes nas mesas do interior, transformadas em doces, geléias, licores ou sucos, servidos nas varandas ao entardecer.



FOTOS: LIANA JOHN



JOSE ROBERTO IMPERANDA

Filhos da noite

Pouco estudado e muito tímido, o macaco-da-noite tem seus filhotes ao longo desta estação, embora o período não seja muito marcado (nem bem conhecido). Existem nove espécies pouco diferenciadas entre si do mesmo gênero (*Aotus*), o único dentre os primatas sul-americanos com olhos grandes, adaptados à vida noturna. Habita as copas das árvores amazônicas, onde a mata é mais fechada e os cipós mais emaranhados. Alimenta-se de frutas e néctar. Anda em pequenos grupos familiares de 2 a 5 indivíduos. São monogâmicos e o pai é quem costuma carregar o filhote.

Peixes caçadores

Outubro é mês de seca na maioria dos rios brasileiros. A água está baixa e limpa. A disputa por alimento aumenta. Condições ideais para a pesca de cachara, cachorra, tucunaré e dourado, peixes predadores que precisam sair à caça. Onde a água estiver bem limpa, a piracanjuba também é uma boa aposta. O leque de opções do pescador esportivo pode ser ampliado com as espécies que ocorrem mais nas épocas de calor, como piau, piavuçu, tilápia, barbado, tabarana e as que ocorrem o ano todo, entre elas, jaú, pirarara, corvina e pintado. Em águas salgadas, outubro não está entre os melhores meses de pescaria. Corvina, enchova, linguado, olhete e raia fazem parte da pequena lista das espécies que mais ocorrem neste mês. Mas ainda saem a cavalinha, o badejo e o xaréu.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI

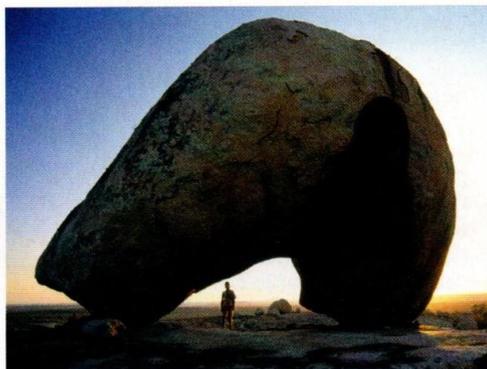
Bolas de gude de titãs

Como um imenso jogo inacabado, elas se espalham ao longo de um quilômetro no sertão do Cariri paraibano

Quem vê de longe e do alto tem a exata impressão de um bom punhado de bolas de gude, algumas quebradas, outras apenas espalhadas. Seria possível imaginar um jogo interrompido, talvez porque os jogadores tenham se desentendido e largado a disputa amigável para brigar. Ou, quem sabe, as bolas caíram do bolso de um jogador distraído e ali ficaram, esquecidas. A diferença com as verdadeiras bolas de gude está no tamanho: se algum jogador as perdeu teria de ser um dos titãs - gigantes míticos da antiga Grécia, que antecederam os deuses do Olimpo - pois elas são enormes!

O relevo de feições singulares fica na região do Cariri, no sertão da Paraíba, num grande platô elevado, assentado sobre a Serra da Borborema. Com uma altitude média de 500 metros, o platô é um maciço rochoso de cerca de 18 mil hectares, bastante aplainado pelo tempo e com algumas cristas alongadas, os chamados lajedos. Um dos mais famosos é o Lajedo do Pai Mateus, com aproximadamente 1 km de comprimento, por 500 metros de largura e 100 de altura. Sobre este gigantesco 'tabuleiro' liso é que se destacam cerca de 100 imensos blocos de granito arredondados, alguns como bolas perfeitas, outros lascados em forma de grossos arcos: nossas titânicas 'bolas de gude'.

Elas são o produto da erosão de milhões de anos sobre materiais diferentes. O granito, mais duro, tende a soltar placas, aos poucos adquirindo a forma arredondada. Os lajedos, menos resistentes, foram aplainados à volta dos pedaços de granito, expondo mais e mais as bolas. A grosso modo é como os seixo rolados num rio, exceto

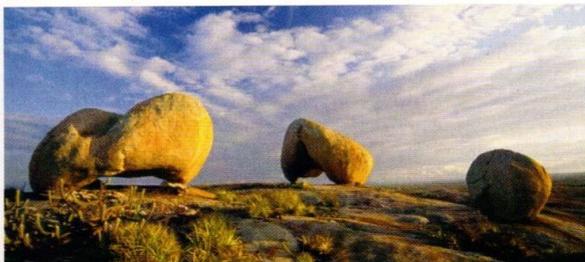


que ali o papel da água corrente é desempenhado pelos contrastes de temperatura e chuvas.

O nome atual do lugar foi emprestado de um curandeiro ermitão, que dizem ter vivido ali no século 18. As grutas e abrigos locais têm registros mais antigos de presença humana, entre os quais estão duas 'mesas' de granito, feitas de lajes retangulares apoiadas em quatro pedras menores; mais de 30 impressões de mãos humanas, de tamanhos diversos, feitas com a tinta ocre do pó de óxido de ferro, comum em pinturas rupestres; muros de pedra seca (pedras empilhadas, sem argamassa) e cemitérios indígenas.

O ecoturismo, o turismo arqueológico e o turismo de aventura vêm se desenvolvendo ali graças ao trabalho do geólogo Eduardo Bagnoli, diretor da Manary Ecotours e do Instituto de Ecoturismo do Brasil. Ele esteve na região pela primeira vez em 1995 e resolveu criar uma infraestrutura para tentar organizar a visitação. Segundo Bagnoli, existem poucos destinos turísticos com feições de relevo semelhantes - como Devil's Marbles na Austrália, Erongo Mountains na Namíbia e Hoggar na Argélia - mas o Lajedo do Pai Mateus supera todos em beleza.

LIANA JOHN



FOTOS: JÚLIO CORREIA FILHO